

PINGA-FOGO

■ O FATOR NIKOLAS FERREIRA - Por ser muito jovem, a velha guarda da política tem deixado de colocar a lupa sobre o futuro imediato do deputado Nikolas Ferreira no cenário de 2026. Ele representa o grande fato novo da política, muito além do bolsonarismo raiz. Ele utiliza dois elementos raros no cenário do radicalismo político, tanto na esquerda como na direita: a coerência e a lucidez.

■ A sua capacidade de comunicação não é um fenômeno. É sólida. O parlamentar consegue traduzir e condensar o sentimento coletivo. Ele materializa o que todos gostariam de dizer e faz isso de forma sucinta e certa.

■ Para 2026, ele seria um nome ideal para vice-presidente, ou até para presidente, apesar do limite da idade mínima de 35 anos para os dois cargos, que pode ser alterado com emenda constitucional. É uma versão verde amarela do que foi Emmanuel Macron no seu primeiro mandato ou Justin Trudeau como primeiro-ministro do Canadá. Ele é um dos maiores puxadores de voto da direita.

■ A juventude de Nikolas é um combustível para a renovação da direita, não como um fenômeno ou cometa, mas como um político coerente, experiente e vivido, uma maturidade precoce fruto do preconceito que enfrentou da oposição, exatamente por ser jovem foi capaz de responder com altivez todos os ataques que sofreu. É exatamente esta juventude e renovação que falta na política brasileira e, especialmente, na direita. Os ventos que vêm das Gerais apontam que ele não é uma esperança ou um nome do amanhã. O futuro chegou e ele tem que ser observado sem preconceitos e a sua precocidade tem que ser levada muitíssimo a sério.

■ MEDO DO IMPROVISO- Tem diplomata suando frio com a participação do presidente Lula, no dia 17 de junho, do segmento de engajamento externo da Cúpula do G7, em Kananaskis, na província de Alberta, a convite do Primeiro-Ministro do Canadá, Mark Carney.

■ A reunião ganhou um peso maior pelo conflito Israel X Irã e o temor é que Lula resolva improvisar nas suas opiniões sobre Israel.

■ SEGURANÇA REDOBRADA - Aliás, o conflito Israel X Irã está fazendo a equipe que organiza a reunião do Brics, de 6 a 7 de julho no Rio, solicitar que sejam redobradas as atenções de segurança para as comitivas estrangeiras. A área do MAM, onde ocorrerão as reuniões, estarão sob alerta máximo.

■ PREJUÍZO MILIONÁRIO - São 18 os cavalos de raça na cidade do Rio e 11 de Volta Redonda que foram levados à óbitos por terem consumido rações da Nutratta. Prejuízo milionário para os seus proprietários, além do valor afetivo em alguns casos. O Ministério da Agricultura já proibiu a comercialização de rações desta marca. O primeiro laudo do laboratório Apha Labs apontou miocárdiopatia degenerativa associada à necrose incipiente, hepatose de aspecto tóxico, nefrose tubular e congestão e hemossiderose esplênica. Entre os proprietários dos cavalos, algumas personalidades da vida empresarial e política do Rio.



Fotos Rogério Santana



Primeira agenda de Rodrigo Bacellar como governador interino do Estado do Rio de Janeiro foi em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense



Ao lado de autoridades locais e políticos, Rodrigo Bacellar lançou a pedra fundamental da nova Policlínica da Polícia Militar



O tenente Jose Mario, de Campos, recebendo o governador interino Rodrigo Bacellar e o secretário da PM, Marcelo Menezes



Ainda no município de Campos dos Goytacazes, na região Norte do estado do Rio de Janeiro, o governador interino, Rodrigo Bacellar, participou, ao lado do secretário de Estado da Defesa Civil e comandante-geral do CBMERJ, Tarciso Salles Junior, da Inauguração do Corpo de Bombeiros - Destacamento de Bombeiro Militar - DBM 6/5 Farol de São Thomé

Fotos Carlos Magno



Em Campos, Bacellar amplia serviços de emergência e saúde no Norte Fluminense com novas unidades do CBMERJ e da PM

Como governador interino do Estado do Rio de Janeiro, Rodrigo Bacellar deu mais um passo importante para fortalecer a segurança e a saúde pública no Norte Fluminense. Nesta segunda-feira (16), visitou a região inaugurou o novo destacamento do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) em Farol de São Tomé, distrito de Campos dos Goytacazes. Antes disso, também lançou a pedra fundamental da nova Policlínica da Polícia Militar na cidade.

“Estamos atendendo a um pedido antigo das comunidades do Norte Fluminense. Essas novas unidades vão garantir mais agilidade no atendimento às emergências e reforçar a presença do Estado em regiões estratégicas. Nosso objetivo é proteger vidas e cuidar das pessoas”, destacou Bacellar.

A nova unidade do Corpo de Bombeiros em Farol de São Tomé chega para atender a um antigo pedido da população local. A expectativa é reduzir em até uma hora o tempo de resposta às ocorrências na Baixada Campista e em comunidades vizinhas, como Xexé, Maria da Rosa, Barra do Açu, São Martinho, Furadinho, Canal das Flexas e Barra do Furado.

Ainda na região Campos dos Goytacazes, Bacellar também inaugurou a unidade do Corpo de Bombeiros de São Francisco de Itabapoana.

Policlínica da PM

Durante agenda na região, o governador interino também lançou a pedra fundamental da nova Policlínica da Polícia Militar, que irá atender agentes de segurança do Norte e Noroeste Fluminense, além de seus dependentes. A estrutura será erguida no mesmo local da antiga unidade, que foi destruída por um incêndio em novembro de 2023.

O projeto está em fase final de elaboração e, após a conclusão, será aberto o processo de licitação para execução da obra. O investimento previsto é de R\$ 18 milhões.

“A saúde dos nossos policiais também é prioridade. A nova Policlínica será moderna, equipada e preparada para oferecer um atendimento digno aos homens e mulheres que arriscam suas vidas diariamente pela segurança da população”, afirmou Bacellar.

Nicola Miccione*

O Vácuo de Lideranças: O Mundo Preso ao Passado

Vivemos um tempo em que os nomes se repetem, mas os desafios mudaram. A política global enfrenta uma escassez notável de novas lideranças com força moral, visão de futuro e legitimidade social. A razão? Muitos líderes se mantiveram no poder por décadas, impedindo a formação de sucessores reais e sufocando os canais institucionais de renovação. Na Europa, figuras como Angela Merkel (16 anos à frente da Alemanha e, de fato, da própria União Europeia), Margaret Thatcher (11 anos no Reino Unido) e Tony Blair (10 anos) centralizaram o poder por tempo suficiente para sufocar a renovação política em seus respectivos países. Embora tenham sido líderes relevantes e transformadores em seus momentos, suas longas permanências abriram um precedente perigoso: partidos e sistemas ficaram dependentes de figuras únicas, sem construir mecanismos coletivos e sustentáveis de sucessão. Hoje, a maioria das democracias europeias vive um ciclo de tecnocratas, coalizões frágeis e governos curtos. A

França, por exemplo, viu Emmanuel Macron surgir como uma promessa de renovação, mas seu governo também enfrenta desgaste e desafios de sucessão. Na última eleição, viu seu mandato ser colocado à prova, em um típico voto francês de protesto. A Itália, ainda que experimente momento atual de destaque no Velho Continente, tem passado por 11 primeiros-ministros em apenas 20 anos, evidenciando uma instabilidade crônica e a dificuldade de construir lideranças duradouras e legítimas. Mesmo quando novas lideranças emergem, pontualmente em países democráticos, suas trajetórias enfrentam barreiras sistêmicas e ciclos curtos de apoio, revelando que o problema não está apenas na ausência de nomes, mas na fragilidade das estruturas políticas que sustentam a renovação. Costumo desafiar amigos a dizer sem muito pensar o nome de atuais cinco líderes europeus. Algo similar ocorre com a seleção brasileira - um paralelo mais do que óbvio de que algo não está certo.

Em paralelo, autocratas como Vladimir Putin (no poder desde 1999, alternando cargos), Xi Jinping (que aboliu os limites de mandato na China em 2018) e Recep Tayyip Erdoğan (mais de 20 anos no comando da Turquia, somando períodos como primeiro-ministro e presidente) consolidaram modelos de hiperconcentração de poder. Nesses regimes, a sucessão não é apenas um desafio político, mas um risco de ruptura institucional. Nos Estados Unidos, a polarização extrema reflete também um colapso dos mecanismos naturais de renovação. Donald Trump, mesmo após deixar a presidência em seu primeiro mandato, manteve forte controle sobre o Partido Republicano, minando tentativas de surgimento de novas lideranças. No Partido Democrata, Joe Biden, com mais de 80 anos, se tornou a principal referência do partido, revelando um vácuo geracional evidente. O resultado se viu nas últimas eleições, com troca de candidato de última hora. As alternativas surgem, mas

o sistema falha em criar tração real para vozes novas, mantendo o ciclo de dependência de nomes antigos. Essa concentração de poder gera um efeito dominó global: partidos e movimentos deixam de formar quadros, a política se torna refém de personalismos, e os jovens se afastam, descrentes de que possam, de fato, construir mudanças. Mesmo onde há mobilização social, ela se dispersa fora das estruturas institucionais tradicionais, sinal de que os canais de renovação estão bloqueados ou desacreditados. A consequência direta é a fragilização dos ambientes democráticos e o fortalecimento dos extremos — seja na forma de populismos autoritários, seja no aparecimento de personagens caricatos do mundo virtual, ou na radicalização de vieses político-partidários. Esse panorama revela uma falência estrutural na cultura política mundial: a renovação deixou de ser uma prática natural e se tornou uma exceção, quase sempre tardia e insuficiente. O problema não é só a escassez de

boas ideias — é a falta de rostos novos, vozes novas, caminhos novos. Quando a liderança se cristaliza no passado, o futuro fica suspenso. Desafios contemporâneos como as mudanças climáticas, as transições energéticas, a regulação da inteligência artificial e os desequilíbrios geopolíticos exigem uma governança preparada, aberta, diversa e capaz de pensar além das estruturas do século XX. A maior prova de grandeza de um líder não é sua permanência no poder, mas sua disposição de formar sucessores e garantir a continuidade da missão, sem depender de sua própria figura para que as ideias avancem. O mundo não precisa apenas de líderes carismáticos. Precisa de pessoas com coragem de deixar o palco — e abrir espaço para o novo. Só assim as sociedades podem se reconciliar com o futuro e recuperar a confiança de que, sim, é possível construir um amanhã melhor.

*Secretário da Casa Civil do Rio de Janeiro